



PARLAMENTO DO
MERCOSUL

- Representação Brasileira -

CLIPPING - Notícias

06 e 07.03.2013

Edição e Seleção

Eliza Barreto
Fernando Leão
Maria Elisabete da Costa
Mônica Nubiato
Paulo Affonso
Thais Budó

Sumário

| | |
|---|----|
| FOLHA DE S. PAULO..... | 3 |
| Editorial..... | 3 |
| Venezuela pós-Chávez | 3 |
| Mundo..... | 4 |
| Missão é eleger chavista, diz chefe militar | 4 |
| O legado de Chávez..... | 6 |
| Brasil..... | 8 |
| Cenário incerto na Venezuela pode afetar exportação brasileira..... | 8 |
| O ESTADO DE SÃO PAULO..... | 10 |
| Internacional..... | 10 |
| Venezuela se despede de Chávez sob temores de instabilidade política..... | 10 |
| Aliados chegam a Caracas para funeral de líder | 12 |
| Dilma e Lula viajam hoje; Dirceu pede permissão ao STF..... | 14 |
| Equador adia reunião da CIDH | 15 |
| Economia..... | 15 |
| Produção de carros cresce 18,4% no bimestre e supera expectativa..... | 15 |
| VALOR ECONÔMICO..... | 17 |

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

| | |
|---|----|
| Internacional..... | 17 |
| Planalto avalia que mudança não afetará empresas brasileiras | 17 |
| Apesar dos choques, EUA e Venezuela mantêmelos | 18 |
| Brasil | 20 |
| Déficit do Brasil com os EUA aumenta 813% no bimestre | 20 |
| Política | 22 |
| Os convidados de pedra, na Argentina | 22 |
| O GLOBO | 24 |
| Economia..... | 24 |
| FAO prevê crescimento de 4,3% na produção global de trigo | 24 |
| Mundo..... | 25 |
| Influência do Brasil na América Latina pode aumentar após morte de Chávez | 25 |
| O legado de Chávez: os prós e os contras | 28 |
| PÁGINA/12 | 32 |
| Mundo..... | 32 |
| Maduro, el preferido de la Argentina y Brasil | 33 |
| Maduro asumió la presidencia | 36 |
| TÉLAM | 39 |
| Mundo..... | 39 |
| Desde el veto al ALCA, hasta el ingreso al Mercosur, Chávez potenció el rol de Venezuela en la región | 39 |
| Celac, Unasur y Mercosur destacaron el rol integrador de Hugo Chávez | 40 |
| LA NACIÓN | 41 |
| Política | 42 |
| La inclusión de Venezuela al Mercosur ya sería en otro período parlamentario..... | 42 |
| ABC..... | 43 |
| Política..... | 43 |
| Bloque debe sentarse a negociar, dice excanciller | 43 |
| “Debe terminar la presión ideológica” | 44 |
| Evaluarán posición contra Venezuela | 44 |
| LARED21 | 45 |
| Política | 46 |
| MERCOSUR y Parlamento uruguayo emiten comunicado ante deceso de Chávez | 46 |

Brasil

FOLHA DE S. PAULO

www.folha.com.br

Editorial

Venezuela pós-Chávez

A morte do presidente Hugo Chávez põe em evidência uma Venezuela polarizada, em convulsão emocional e confrontada com um cenário político inquietante, ainda que sem crise aguda à vista.

Pela Constituição, há que realizar nova eleição presidencial em 30 dias.

O oficialismo deve, no primeiro momento, cerrar filas em torno do vice-presidente Nicolás Maduro, que passou as últimas semanas no exercício do papel de caudilho, com cadeias obrigatórias de rádio e TV e acusações pueris aos EUA.

Ao mesmo tempo, secundado por parentes e apadrinhados do enfermo, Maduro mantinha um véu de desinformação sobre o verdadeiro estado de saúde do mentor.

É do interesse da camarilha chavista que o pleito aconteça logo, para capitalizar a comoção gerada pelo martírio midiático de Chávez. Quando ela se dissipar, ganhará primeiro plano um conturbado cenário econômico --decadência da estatal petroleira PDVSA, inflação e desabastecimento galopantes e, possivelmente, nova desvalorização da moeda, o "bolívar forte".

Hoje favorito, Maduro terá votos graças à unção por Chávez, mas contará só com a efígie do padrinho para lhe dar lastro, insuficiente para conter por muito tempo as disputas das facções chavistas, principalmente entre civis e militares.

Acuada pelo paroxismo emocional e reincidindo em antigas fraturas, a oposição tem como desafio de curto prazo voltar a unir-se em torno de um candidato forte, provavelmente o mesmo Henrique Capriles Radonski que obteve respeitáveis 44% dos votos em outubro.

Depois disso, terá de formatar uma campanha que aponte os graves problemas --criminalidade sem controle, infraestrutura em pedaços, política econômica desastrosa-- sem levantar a suspeita de que refrearia, caso eleito, os programas assistenciais custeados com receitas do petróleo.

Admiradores do modelo cubano, Chávez e aliados sempre trombetaram que não aceitam uma "volta ao passado", ou seja, deixar o poder. A história recente, de opositores presos ou forçados a se exilar e mudanças contínuas nas regras do jogo, alimenta o temor de que o regime não terá pudor de recorrer a métodos antidemocráticos.

O Estado hoje é o paraíso da "boliburguesia", a elite de funcionários e empresários "bolivarianos", que naturalmente resistirão a abrir mão de privilégios. Mais difícil ainda será reverter a crença no "Estado mágico": para milhões de venezuelanos, o governo é o curador de todas as mazelas, com seu poder de dispensar o maná dos dividendos do petróleo.

Todo esse artificialismo deverá bastar para eleger Maduro, mas é duvidoso que possa fazer dele uma reencarnação de Chávez, com sua capacidade de manter a maioria dos venezuelanos --num país crispado-- unida pelo chavismo.

Fonte:

<http://www.mipais.com.uy/prensa/verNoticia.php?usr=parlmercosur5&acc=9850464&pid=TEctMTk1NzgYLUJSLTA3LzAzLzIwMTM=>

Mundo

Missão é eleger chavista, diz chefe militar

Flávia Marreiro, Enviada especial a Caracas

Apenas horas depois do anúncio da morte de Hugo Chávez, o ministro da Defesa da Venezuela, Diego Molero, provocou a ira da oposição ontem ao prometer que as Forças Armadas do país vão trabalhar para eleger o herdeiro escolhido pelo esquerdista, o atual presidente interino Nicolás Maduro.

O pronunciamento foi feito na TV oficial venezuelana. "Agora mais que nunca o povo venezuelano e a Força Armada Nacional Bolivariana devem estar unidos para chegar ao objetivo ou à missão que ele [Chávez] nos encomendou, que é levar nosso atual vice-presidente da República, Nicolás Maduro, a ser o próximo presidente eleito de todos os venezuelanos", disse o almirante Molero.

A oposição, em nota, reagiu: "Quando a Venezuela inteira quer unidade e paz e um clima de respeito predomina, contrastam por inaceitáveis as declarações do ministro que, além de falsas, são inconstitucionais", disse Ramón Guillermo Aveledo, secretário-executivo da MUD, a coalizão que reúne os partidos da oposição.

O alinhamento da cúpula das Forças Armadas ao projeto socialista não é novo, mas é considerado um dos legados institucionalmente mais delicados dos 14 anos de chavismo.

MADURO INTERINO

Integrantes da oposição protestam também pela solução legal que transformou o vice Maduro em presidente interino --ontem ele assinou seu primeiro decreto com o novo status-- até as novas eleições presidenciais.

O governo diz que elas acontecerão em 30 dias, conforme diz a Constituição, mas não divulgou data. A nova votação dependerá da capacidade técnica de organização do CNE, a autoridade eleitoral, mas a aposta dos analistas é que não deve demorar, já que o clima de comoção com a morte de Chávez favorece os governistas.

De acordo com a Carta, em caso de morte de um presidente eleito que não tomou posse, como era o caso de Chávez, é o presidente da Assembleia Nacional, o chavista Diosdado Cabello, e não o vice, quem deve ficar na Presidência interinamente.

O governo, no entanto, chancelado por decisão da principal corte do país em janeiro, segue a tese que diz que há "continuidade administrativa" entre os dois mandatos de Chávez e, portanto, não há por que o chefe do Legislativo assumir.

Enquanto deputados opositores mais radicais, como Maria Corina Machado, e alguns constitucionalistas insistem que Cabello ocupe a Presidência interina, outra ala da oposição escolhe um caminho mais pragmático de acatar Maduro no cargo.

O raciocínio é que pouco vale estrilar já que o TSJ (Tribunal Supremo de Justiça) é alinhado ao chavismo.

Para esses dirigentes, a oposição deve focar na preparação de sua candidatura presidencial. O provável nome é o governador de Miranda, Henrique Capriles.

Fonte:

<http://www.mipais.com.uy/prensa/verNoticia.php?usr=parlmercosur5&acc=9850464&pid=TEctMTk1NzcylUJSLTA3LzAzLzIwMTM=>

O legado de Chávez

Chávez fez bem ou mal à Venezuela? Essa é uma pergunta difícil. Para começar, qualquer resposta que se dê, mais ou menos a metade do leitorado brasileiro a tomará como mero exercício ideológico, desprovido de qualquer fundamento fático. Em segundo lugar, o legado do presidente venezuelano é de fato ambíguo, ostentando duas ou três medições que lhe são francamente favoráveis, mas também uma longa lista de problemas, alguns dos quais graves.

Na opinião média dos venezuelanos, que é a que mais conta, o líder foi aprovado com louvor. Eleito pela primeira vez em 1998, em meio a uma crise de legitimidade dos políticos tradicionais, repetiu o feito em 2000, 2006 e 2012 --sempre com mais de 54% dos votos-- , sem mencionar os referendos e reformas constitucionais em que suas teses foram aprovadas.

O segredo deste sucesso, como o de quase todos os êxitos eleitorais, está na economia ou melhor, na percepção que os eleitores têm de suas perspectivas econômicas. E Chávez foi capaz de reduzir a pobreza. A renda per capita venezuelana saltou de US\$ 3.889 em 1998 para US\$ 11.131 no ano passado. A miséria oficial (deixemos aqui de lado as sutilezas do cálculo) despencou de 20,3% da população para apenas 7%. Também foram registrados ganhos consideráveis na educação e na saúde, além de programas inegavelmente populistas, mas populares como a distribuição de casas próprias.

Se há um feito pelo qual Chávez merece reconhecimento, é o de ter forçado uma repartição mais equitativa da renda. O pecado coletivo dos dirigentes latino-americanos ao longo dos últimos séculos foi o de ignorar solenemente os pobres, tratando-os apenas como mão de obra pouco qualificada e barata. E nem é preciso recorrer a sentimentalismos ou metafísica esquerdista para perceber que isso é um erro. Nenhum país cresce de maneira sustentável sem criar um mercado interno digno deste nome e incorporar cada vez mais cidadãos às fileiras de uma classe média educada e capaz de produzir inovações.

Embora o líder bolivariano não tenha sido o primeiro a erguer a bandeira da distribuição de renda, ele soube enfrentar e derrotar as forças que se empenhavam em manter os velhos privilégios. Chávez poderia ser considerado um herói se a história acabasse aqui, mas ela não acaba.

Um pouco por causa de sua personalidade, um pouco pela necessidade de cumprir logo seus objetivos, o mandatário destruiu muita coisa no meio do caminho.

Mesmo a economia, que responde pelo grosso de sua popularidade, apresenta problemas sérios, que mais cedo ou mais tarde cobrarão seu preço aos venezuelanos. A inflação é elevadíssima, tendo atingido 23,2% em 2012 --e isso, vale lembrar, num contexto em que praticamente todos os países do globo foram capazes de contê-la em níveis bem mais baixos. Pior, ela vem acompanhada de desabastecimento. Falta um pouco de tudo na Venezuela, de itens alimentares como açúcar, frango, óleo de cozinha e farinha de milho, até energia elétrica. Os apagões, ao lado do racionamento, se tornaram rotina e quem mais prospera é o mercado negro.

Olhando para a frente, o problema é o investimento. Até por seu discurso, Chávez afastou o capital privado, e a PDVSA, a estatal gigante do setor petrolífero, que serviu de caixa para o projeto bolivariano, dá claros sinais de esgotamento.

Vale lembrar que o dirigente só conseguiu fazer o que fez porque surfou num período extremamente favorável para a Venezuela. O país guarda as maiores reservas privadas de petróleo do mundo (297 bilhões de barris), produto que viu seu preço médio saltar de US\$ 12,3 o barril em 1998 para US\$ 109,4 em 2012. A pergunta é se um administrador mais judicioso não teria conseguido extrair muito mais dessa bonança extraordinária.

Os maiores estragos, entretanto, estão fora da economia. Chávez aprimorou o estilo Fujimori de fazer política, que é o de esticar as instituições até o ponto de deformá-las, mas sem nunca promover um rompimento formal. Foi assim que ele criou uma Superpresidência, que pode mais ou menos tudo, e desfigurou o Judiciário, transformando-o num órgão dócil. Algo parecido ocorreu com o Legislativo, mas muito por culpa da oposição que, num gesto merecedor do troféu Darwin de melhoria da espécie, boicotou as eleições parlamentares de 2005, dando ao Executivo um quinquênio de supremacia absoluta sobre a Assembleia Nacional.

Outro importante ponto negativo a destacar é que ele aparelhou as estruturas do Estado, colocando aliados políticos em todos os cargos que conseguiu, mesmo que isso tivesse altos custos em termos de eficiência. A PDVSA foi vítima preferencial dessa política e, não por acaso, viu sua produção de petróleo cair nos últimos anos.

Chávez também intimidou opositores e jornalistas, mas seria rematado exagero falar em violações sistemáticas aos direitos humanos e ameaça à liberdade de imprensa. Os jornais locais sempre puderam fazer --e fizeram-- críticas duras contra o líder.

A muito mencionada e em vários círculos celebrada retórica anti-EUA é justamente isso: apenas retórica. Apesar de pintar dirigentes norte-americanos e outros alvos identificados com o

capitalismo como o diabo, o comércio entre Caracas e Washington só fez crescer durante a administração do idealizador do socialismo bolivariano.

As muitas avarias institucionais provocadas pela gestão Chávez podem parecer coisa menor, sobretudo se comparadas aos ganhos na distribuição da renda. Seria um erro, porém, desprezar sua importância. Caberá aos historiadores do futuro emitir pareceres mais definitivos, mas eu acredito que elas poderão custar ao dirigente uma apreciação benigna da posteridade.

A questão central é que, no mundo contemporâneo, instituições são tudo. Já falei aqui do livro "Why Nations Fail" (por que nações fracassam), de Daron Acemoglu e James Robinson, em que eles mostram de forma bastante persuasiva que, no longo prazo, países só funcionam quando contam com instituições que promovem o poder político dos cidadãos e lhes permitem tirar proveito das oportunidades econômicas.

Chávez até maximizou as possibilidades de os mais pobres usufruírem das comodidades materiais do mundo moderno, mas fracassou em modernizar as instituições políticas do país. Ao contrário, ele as distorceu, fazendo com que se subordinassem, não aos interesses do Estado, como seria desejável, mas a seu projeto de aferrar-se ao poder, bem ao estilo do velho populismo latino-americano.

Na melhor das hipóteses, o país levará algumas décadas para recompor estruturas de Estado impessoais e com uma repartição equilibrada entre os Poderes. Definitivamente, Chávez não foi um estadista.

Hélio Schwartzman é bacharel em filosofia, publicou "Aquila Titicans - O Segredo de Avicena - Uma Aventura no Afeganistão" em 2001. Escreve na versão impressa da Página A2 às terças, quartas, sextas, sábados e domingos e às quintas no site.

Fonte:

<http://www.mipais.com.uy/prensa/verNoticia.php?usr=parlmercosur5&acc=3435059&pid=TEctMTk1Nzg0LUJSLTA3LzAzLzIwMTM=>

Brasil

Cenário incerto na Venezuela pode afetar exportação brasileira

Tatiana Freitas, de São Paulo

De uma relação comercial praticamente inexistente no final dos anos 90, a era Hugo Chávez termina com o Brasil na posição de terceiro maior fornecedor da Venezuela, atrás dos EUA e da China.

De 1999, quando Chávez assumiu o poder, a 2012, as exportações brasileiras ao vizinho dispararam 843%, para US\$ 5 bilhões -mais que o dobro da alta média dos embarques, de 405%.

O distanciamento de inimigos políticos de Chávez, como a Colômbia e os EUA, gerou oportunidades comerciais para as empresas brasileiras, assim como a proximidade entre o ex-presidente Lula e o colega venezuelano.

A relação levou o Brasil a financiar projetos na Venezuela, levando empreiteiras brasileiras ao vizinho e estimulando novos embarques.

A alta das exportações também está ligada ao crescimento da Venezuela, influenciado pela forte alta do preço do petróleo. Em 14 anos, o PIB do país cresceu a uma taxa real de 10% ao ano.

A onda de nacionalização em alguns setores, porém, afastou o investimento privado, diminuindo a oferta local de produtos industrializados.

"Com a economia maior e a perda de dinamismo da indústria, o país demandou mais de fora", diz o professor da Escola de Economia da FGV Clemens Nunes.

Com um perfil raro na balança brasileira, os produtos industrializados respondem pela metade das exportações à Venezuela. Não só isso, o país é relevante para o comércio brasileiro: é o décimo principal destino e, em janeiro deste ano, foi o segundo maior superavit do Brasil.

FUTURO

A morte de Chávez levanta dúvidas sobre a manutenção do alto nível das exportações.

Em caso de vitória da oposição nas eleições, a tendência é que o país se reaproxime dos EUA e da Colômbia.

E essa retomada das relações podem resultar e perda de mercado para o Brasil. A vitória da situação, portanto, seria mais favorável para o país sob esse ponto de vista.

Para José Augusto de Castro, presidente da Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB), as vendas à Venezuela cairiam neste ano mesmo sem a morte de Chávez.

A desvalorização do bolívar em mais de 30%, em fevereiro, encareceu as importações na Venezuela. "As exportações brasileiras para lá estão paralisadas, com exceção das autorizadas pelo governo no câmbio oficial", diz.

A taxa de câmbio oficial do dólar é de 6,3 bolívares. Empresas que querem importar sem autorização oficial usam o câmbio paralelo, com uma taxa próxima a 20 bolívares.

Fonte:

<http://www.mipais.com.uy/prensa/verNoticia.php?usr=parlmercosur5&acc=3435059&pid=TEctMTk1ODA0LUJSLTA3LzAzLzIwMTM=>

O ESTADO DE SÃO PAULO

<http://www.estadao.com.br>

Internacional

Venezuela se despede de Chávez sob temores de instabilidade política

ROBERTO LAMEIRINHAS , ENVIADO ESPECIAL / CARACAS - O Estado de S.Paulo

Um modesto caixão envolto na bandeira venezuelana guiou ontem uma multidão vestida de vermelho por Caracas, enquanto o corpo do presidente Hugo Chávez, morto na terça-feira, era levado do hospital à academia militar onde permanecerá até o enterro, amanhã. Longe do féretro, venezuelanos correram a bancos, mercados e postos de gasolina, temendo que uma eventual instabilidade política leve ao desabastecimento.

Em um clima carregado de emoção, dezenas de milhares de chavistas e militares em lágrimas lutavam para se aproximar do caixão do presidente que governou por 14 anos e prometeu criar na América Latina o socialismo do século 21. Outros erguiam os braços com os punhos cerrados aos gritos de "A luta continua! Chávez vive!" e "Chávez ao Panteão, junto com Simón", em alusão ao herói libertador Simón Bolívar.

Em agências bancárias do centro de Caracas e postos de gasolina as filas eram longas e vários mercados e lojas da capital tiveram de fechar as portas antes da hora. Muitos venezuelanos temem a falta de suprimentos caso haja problemas no processo de sucessão política, até as eleições.

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

Antes de o corpo de Chávez deixar o hospital, um padre conduziu uma oração por seu "eterno descanso" e a octogenária mãe do presidente, Elena Frías de Chávez, com um lenço na cabeça, debruçou-se sobre o caixão do filho.

O sucessor político do líder bolivariano e presidente interino da Venezuela, Nicolás Maduro, caminhava à frente da multidão, acompanhado por vários integrantes do primeiro escalão do governo e sob a proteção de batedores da polícia.

O ministro da Defesa, Diego Molero, reiterou ontem seu apoio a Maduro. Em comentários à rede estatal, ele disse que o candidato presidencial deve ser Maduro, como Chávez desejou. "Nossa missão é levar Nicolás Maduro à presidência da República Bolivariana da Venezuela", declarou. Desde a morte do líder, a cúpula política e militar do chavismo buscou mostrar publicamente que segue unida e dará apoio incondicional a Maduro. Molero, que havia garantido lealdade ao presidente interino momentos após o anúncio da morte de Chávez, chegou a afirmar, de madrugada no Twitter, que as Forças Armadas dariam apoio a Maduro na disputa contra Henrique Capriles, o líder da coalizão opositora Mesa de Unidade Democrática (MUD).

À passagem de autoridades pelas ruas, chavistas davam gritos de apoio ao governo. Desde o amanhecer, canhões do Exército disparavam a cada hora.

O percurso do féretro, do hospital à academia militar, levou mais de seis horas, percorrendo 8 quilômetros que abrangeram os pontos da capital onde Chávez comandou comícios históricos, como no Forte Tiuna e em Los Próceres. "Te amarei para sempre, meu pai", dizia um cartaz no destino final. Ainda não foi anunciado onde será enterrado o presidente. Vários chefes de Estado, incluindo o boliviano Evo Morales - que caminhou com Maduro à frente do caixão -, a argentina Cristina Kirchner e o uruguaio José Mujica, já estão na Venezuela.

A presidente Dilma Rousseff e vários outros líderes internacionais, como o iraniano Mahmoud Ahmadinejad, devem chegar a Caracas hoje (mais informações na pág. 12).

O líder bolivariano morreu aos 58 anos após quatro cirurgias em Havana e várias sessões de químio e de radioterapia, em um tratamento contra o câncer na região pélvica que durou 18 meses. A morte de um presidente em exercício é algo inédito na história recente da Venezuela. O último caso do tipo ocorreu em 1935, com o ditador Juan Vicente Gómez.

A Constituição determina a realização de eleições presidenciais em até 30 dias, nas quais Maduro deverá ser o representante do campo chavista. Na madrugada de terça para quarta-feira, o presidente interino elogiou a "boa vontade da oposição venezuelana" diante da morte de Chávez.

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

"Acolhemos suas expressões respeitadas de condolência e as respondemos com boa vontade", disse Maduro, na rede Telesul, sobre o comunicado da MUD, lido por Capriles, lamentando a perda do presidente. "Espero que essas expressões se mantenham para que nossa Venezuela possa transitar por esses dias tão difíceis."

Pouco antes de anunciar a morte de Chávez, o presidente interino da Venezuela afirmou haver indícios de que o líder bolivariano fora "contaminado" com câncer. No mesmo pronunciamento, Maduro informou a expulsão de um adido militar dos EUA que estaria "conspirando contra a estabilidade" da Venezuela. Em seguida, o chanceler de Caracas, Elías Jaua, afirmou que um outro funcionário americano também seria expulso.

Nas ruas próximas à academia nacional, grupos de partidário do Partido Socialista Unido da Venezuela (PSUV), se comprometia a "resguardar as conquistas da revolução bolivariana".

Entre as principais críticas dirigidas a Chávez nos 14 anos em que esteve no poder dizia respeito a sua retórica que aprofundava as divisões da sociedade boliviana. O discurso radical, no entanto, deu ao líder bolivariano a popularidade necessária para vencer quase todas as disputas eleitorais nas quais se envolveu. / COM AP e EFE

Fonte: <http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,venezuela-se-despede-de-chavez--sob-temores-de-instabilidade-politica-,1005414,0.htm>

Aliados chegam a Caracas para funeral de líder

Cristina, Evo e Mujica já estão na Venezuela; Mahmoud Ahmadinejad, do Irã, é aguardado para o enterro, na sexta-feira

CARACAS - O Estado de S.Paulo

Profundamente afetados pela morte de Hugo Chávez, os presidentes da Argentina, Cristina Kirchner, do Uruguai, José Mujica, e Evo Morales, da Bolívia, chegaram ontem a Caracas para participar das cerimônias de homenagem ao líder bolivariano. Logo pela manhã, Evo, visivelmente emocionado e vestindo uma jaqueta com o rosto de Che Guevara, esteve à frente do cortejo fúnebre, que levou o caixão de Chávez do hospital até a academia militar.

Os governos de pelo menos dez países - Cuba, Uruguai, Argentina, Equador, Bolívia, Brasil, Chile, Nicarágua, Bielo-Rússia e Irã - decretaram de um a sete dias de luto pela morte de Chávez.

Aliados de Chávez ao redor do mundo lamentaram ontem a morte do presidente. Sua retórica anti-EUA aproximou a Venezuela de países que mantêm relações tensas com os americanos. O Irã declarou um dia de luto nacional. O presidente Mahmoud Ahmadinejad estará no funeral de sexta-feira, de acordo com a agência Irna.

"Hugo Chávez é um nome conhecido por todas as nações. Seu nome é um lembrete de bondade, coragem, dedicação e incansáveis esforços para servir ao povo, especialmente aos pobres e àqueles excluídos pelo colonialismo e pelo imperialismo", disse Ahmadinejad. "Ofereço minhas condolências a todas as nações, à grande nação da Venezuela e a sua respeitosa família por esse acontecimento trágico."

Na Síria, a mídia estatal lembrou que o líder bolivariano tomou uma posição honrosa contra uma conspiração contra o presidente sírio Bashar Assad. Ano passado, Chávez enviou combustível para ajudar Damasco a superar a escassez causada pelas sanções internacionais. Ele descrevia a revolta contra Assad como um "complô internacional apoiado por potências ocidentais".

"O desaparecimento deste líder único é uma grande perda para mim, pessoalmente, e para o povo sírio, da mesma forma que é uma perda para o povo da Venezuela", afirmou Assad. "O povo sírio e eu estamos orgulhosos dos progressos qualitativos alcançados nas relações entre os nossos dois países. Chávez era um amigo fiel que se opôs à guerra contra a Síria."

Na Rússia, o presidente Vladimir Putin chamou Chávez de um "homem extraordinário e forte que olhava para o futuro e sempre pensava grande". O embaixador russo na ONU, Vitali Churkin, disse que a morte de Chávez é uma "tragédia". "Ele foi um grande político", afirmou Churkin.

Pequim. O presidente chinês, Hu Jintao, que deixa o poder este mês, e seu sucessor, Xi Jinping, também enviaram condolências a Nicolás Maduro, presidente interino da Venezuela até as eleições. O porta-voz da chancelaria chinesa, Hua Chunying, caracterizou o líder venezuelano como um "bom amigo do povo chinês".

A China construiu uma amizade forte com Chávez em razão do petróleo. Bilhões de dólares em empréstimos chineses, quitados com exportações do produto, ajudaram a financiar programas sociais que tornaram Chávez popular na Venezuela. / AFP, REUTERS e AP

Fonte: <http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,aliados-chegam-a-caracas-para-funeral-de-lider-,1005387,0.htm>

Dilma e Lula viajam hoje; Dirceu pede permissão ao STF

LISANDRA PARAGUASSU, TÂNIA MONTEIRO , BRASÍLIA, / COLABOROU FAUSTO MACEDO –

A presidente Dilma Rousseff viaja hoje, às 11 horas, para Caracas, onde participa, na sexta-feira, da cerimônia de homenagens dos chefes de Estado ao presidente venezuelano Hugo Chávez. Na comitiva, além de ministros de Estado, estará também o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, amigo pessoal de Chávez.

Dilma deverá chegar a Caracas no meio da tarde e está previsto no mesmo dia um encontro com o presidente interino do país, Nicolás Maduro, e conversas com outros líderes sul-americanos.

Ontem pela manhã, a presidente tinha planos de embarcar ainda na mesma noite, mas a confirmação de que a cerimônia e o enterro seriam apenas na sexta-feira a convenceram a esperar.

A presidente deve voltar de Caracas ainda na sexta-feira, depois do enterro de Chávez e das cerimônias fúnebres. Além de Lula, deverão acompanhá-la a Caracas o ministro das Relações Exteriores, Antonio Patriota, e o assessor especial para Assuntos Internacionais da Presidência da República, Marco Aurélio Garcia.

Dirceu. O ex-ministro José Dirceu (Casa Civil), condenado a 10 anos e 10 meses de prisão no processo do mensalão, também quer ir aos funerais de Chávez. Em petição ao presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), ministro Joaquim Barbosa, ele pediu "em caráter de urgência" autorização para ir a Caracas "no intuito de acompanhar o enterro do presidente da Venezuela".

Dirceu está proibido de deixar o País, "sem prévio conhecimento e autorização do STF", segundo ordem do ministro Barbosa.

A petição é subscrita por três advogados de Dirceu, os criminalistas José Luís Oliveira Lima, Rodrigo Dall'Acqua e Ana Carolina Piovesana. Eles sustentam que Dirceu quer ir ao enterro "em razão da relação de amizade que mantinha com o presidente".

A defesa do ex-ministro assume o compromisso. "Caso haja autorização desta Suprema Corte o retorno (de Dirceu) ao Brasil será realizado 24 horas após a cerimônia fúnebre."

Fonte: <http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,dilma-e-lula-viajam-hoje-dirceu-pede-permissao-ao-stf--,1005328,0.htm>

Equador adia reunião da CIDH

A morte de Hugo Chávez fez o governo do Equador adiar para segunda-feira a reunião que tinha sido convocada para amanhã sobre a reforma da Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH), em Guayaquil, informou ontem o chanceler equatoriano, Ricardo Patiño. Delegados de 21 países participariam do encontro para debater o processo de reforma da CIDH. Em sua conta no Twitter, Patiño confirmou que a reunião ocorrerá começará segunda-feira, às 10 horas.

Fonte: <http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,equador--adia-reuniao--da-cidh-,1005440,0.htm>

Economia

Produção de carros cresce 18,4% no bimestre e supera expectativa

Montadoras fabricaram 508,6 mil veículos nos dois primeiros meses do ano; previsão era de alta de 4% a 5%

CLEIDE SILVA - O Estado de S.Paulo

A produção de veículos superou as expectativas de analistas do mercado automobilístico e cresceu 18,4% no primeiro bimestre em relação ao mesmo período de 2012. No fim do mês, a previsão era de alta de 4% a 5% em relação a 2012.

Com expectativa de as vendas voltarem a crescer neste mês, para números próximos a 310 mil veículos, as fábricas, ao que tudo indica, seguirão operando em ritmo normal, apesar de terem encerrado fevereiro com estoques suficientes para 39 dias de vendas nas fábricas e concessionárias, ante 29 dias em janeiro.

As fabricantes de veículos abriram 1,8 mil postos de trabalho nos dois meses do ano e, junto com as empresas de máquinas agrícolas empregam atualmente 151,9 mil pessoas, quase 2,4 mil a mais que em dezembro.

Nos dois primeiros meses do ano foram fabricados 508,6 mil veículos, dos quais 475,8 mil são automóveis e comerciais leves - uma elevação de 15,8% se comparada aos dois primeiros meses do ano passado.

As maiores altas vieram dos segmentos de caminhões e ônibus que cresceram, respectivamente, 72,7% e 78,9% no bimestre, em parte para acompanhar o melhor desempenho da economia nesse início de ano.

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

"O setor está realmente com vigor na produção no primeiro bimestre", afirma o presidente da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), Cledorvino Belini. A indústria automobilística participa com 23% do Produto Interno Bruto (PIB) industrial.

As vendas também devem manter-se em bom ritmo, na visão de Belini. O fraco desempenho de fevereiro, com queda de 24,5% ante janeiro, foi justificado pelo menor número de dias úteis e pela alta de preços nos automóveis após a volta gradual do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI), em janeiro.

Ainda assim, no primeiro bimestre as vendas registraram volume recorde de 546,5 mil unidades, um crescimento de 5,6% em relação a igual período de 2012.

Para este mês, a indústria prepara-se para vender volume próximo ao de janeiro - que foi de 311,5 mil unidades -, e 30% melhor que o do mês passado.

Ataque. "A tendência é de que na segunda quinzena ocorra um ataque das montadoras com promoções e campanhas", diz Belini. O mote será alertar consumidores da nova alta do IPI em 1º de abril, o que pode resultar em mais um movimento de antecipação de compras.

O IPI dos carros com motor 1.0 subirá de 2% para 3,5%. Para modelos até 2.0 flex de 7% para 9% e de 8% para 10% naqueles a gasolina. O repasse para os preços depende da estratégia de cada marca, mas, a exemplo do que ocorreu em janeiro, é provável que a maioria dos modelos que serão faturados a partir daquela data tenha algum reajuste.

Ao contrário da visão pessimista do executivo da Federação Nacional da Distribuição de Veículos (Fenabreve), Alarico Assumpção, que disse que o mercado "está voltando ao patamar médio da crise de 2008 e 2009", Belini diz que não vê, no momento, "nenhum sinal em qualquer montadora de parar a produção ou dar férias". Ele lembra que em abril e maio de 2012 os estoques chegaram a 43 dias, mas o ritmo de vendas apresentava forte retração, cenário diferente do atual. Na ocasião, o governo reduziu o IPI, que voltou a ser cobrado gradualmente em janeiro e retornará ao normal em julho.

Fonte: <http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,producao-de-carros-cresce-184-no-bimestre-e-supera-expectativa-,1005473,0.htm>

Internacional

Planalto avalia que mudança não afetará empresas brasileiras

Por Sergio Leo | De Brasília

A possibilidade de mudanças nas perspectivas de companhias brasileiras com negócios bilionários na Venezuela tem mais a ver com possíveis turbulências na economia venezuelana que com eventuais mudanças de rumo promovidas pelo vice-presidente Nicolás Maduro, candidato do chavismo à sucessão de Hugo Chávez e indicado pelas forças políticas dominantes no país como responsável pela condução do processo eleitoral. Essa é a avaliação predominante no governo brasileiro, que vê Maduro como um interlocutor confiável e amistoso com o Brasil.

Maduro chegou a ajudar o governo brasileiro a apaziguar atitudes belicosas de Chávez, no ano passado. Quando Chávez quis cortar o fornecimento de petróleo ao Paraguai após o impeachment do presidente Fernando Lugo, Maduro foi o intermediário dos apelos brasileiros para evitar sanções econômicas ao país. Foi também quem moderou as posições venezuelanas nas discussões da Rio +20, a conferência sobre o clima hospedada pelo Brasil em meados de 2012; e quem viabilizou a ordem de Chávez para acelerar as negociações da Venezuela para adoção das normas do Mercosul, necessárias para integração do país ao bloco.

Durante os últimos dias de doença de Chávez, Maduro, interinamente no governo, manteve sem mudanças o relacionamento com as companhias brasileiras que atuam no país, e, nas conversas que teve com autoridades como o assessor especial da Presidência Marco Aurélio Garcia e o ministro das Relações Exteriores, Antonio Patriota, manifestou interesse em seguir com os planos de Chávez de buscar associações com empresas brasileiras para as reformas no setor produtivo que o líder bolivariano pretendia fazer no esforço para reduzir a dependência da economia venezuelana em relação ao petróleo.

Durante as negociações no ano passado para incorporação das tarifas do Mercosul pela Venezuela, e para remoção de barreiras tarifárias, os negociadores venezuelanos, subordinados a Maduro, reservaram uma lista de "produtos sensíveis" de apenas 777 itens, com prazos mais longos de redução de tarifas e aceitaram, inclusive, acrescentar o setor automotivo na lista de produtos que passarão a ter livre comércio com o Brasil a partir de 2014 - os venezuelanos fizeram questão de incluir nos acordos menções ao "fortalecimento do sistema produtivo", termo usado para os projetos bilaterais de apoio aos planos de industrialização do país defendidos por Chávez.

A forte influência dos militares, em quem Maduro buscou apoio após a morte de Chávez, serve de garantia para a manutenção do contrato de até US\$ 780 milhões firmado com a Embraer para aquisição de 20 cargueiros E-190 (dez deles com a compra garantida neste ano).

O governo venezuelano assinou recentemente contrato para ampliação da termelétrica de Cumanã com a Andrade Gutierrez, com quem tem negócios que somam quase US\$ 4 bilhões. A Odebrecht, que tem receitas anuais de R\$ 3 bilhões com sua subsidiária na Venezuela, anunciou neste ano a inclusão do país em seus planos de investimento na área de petróleo, onde é associada, em dois campos, à estatal PDVSA.

Tranquilos em relação ao interesse de Maduro em manter as boas relações com o Brasil estabelecidas na era Chávez, o governo e as empresas brasileiras só não arriscam previsões sobre as chances do futuro presidente na gestão dos difíceis desafios da economia venezuelana, como a inflação crescente e a alta ineficiência das empresas nacionalizadas pelo chavismo.

Fonte: <http://www.valor.com.br/internacional/3035094/planalto-avalia-que-mudanca-nao-afetara-empresas-brasileiras>

Apesar dos choques, EUA e Venezuela mantêm elos

Por Sergio Lamucci e Fabio Murakawa | De São Paulo

Nos anos Chávez, as exportações de petróleo da Venezuela para os Estados Unidos perderam terreno, ao mesmo tempo em que as vendas para a China ganharam espaço importante, especialmente nos últimos anos. Os EUA ainda abocanham quase 40% das exportações venezuelanas do produto, mas a trajetória de recuo deve continuar, num cenário em que a produção americana de petróleo e gás de xisto cresce com força. As vendas para a China, por sua vez, tendem a ter cada vez mais relevância.

Em 1998, um ano antes de Chávez assumir a Presidência, a Venezuela exportou, em média, 1,718 milhão de barris de petróleo cru e derivados por dia para os EUA. Em 2012, o total ficou em 951 mil, um número 44,6% menor, segundo a Agência de Informação sobre Energia dos EUA. Quando se considera a diferença entre o que a Venezuela exportou e o que importou dos EUA, o recuo é maior, beirando os 50%, de 1,7 milhão para 866,5 mil barris por dia (bpd).

Chefe de análise para a América Latina da consultoria Control Risks, Nicholas Watson chama a atenção para a crescente importância das vendas para a China, um passo crucial na estratégia venezuelana de diversificar os mercados para o petróleo e reduzir a dependência dos EUA. "Em

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

2005, a PDVSA [a estatal do petróleo] exportava 49 mil bpd para a China. Hoje, vende 518 mil e quer chegar a 1 milhão em 2015", diz Watson, observando que essa não é uma tendência de curto prazo. "A China quer uma relação de fornecimento de petróleo de longo prazo com a Venezuela."

Ele nota, porém, que os EUA são um cliente muito importante para a Venezuela. Os americanos ainda compram cerca de 38% do petróleo venezuelano, e são um dos poucos países que pagam preços de mercado pelo produto, destaca. As vendas para a China estão vinculadas a linhas de crédito concedidas pelo país asiático, e há uma outra fatia vendida a preços subsidiados para países como Cuba.

Nos últimos anos, por sua vez, os EUA também têm se empenhado em reduzir a sua dependência do petróleo de países instáveis, nota Watson. Para ele, as exportações de petróleo para a Venezuela tendem a seguir em queda, mas a um ritmo mais lento. Mas observa que, se as projeções atuais de que os EUA poderão se tornar autossuficientes em petróleo em cinco a oito anos se concretizarem, a decisão da Venezuela de intensificar a relação com a China terá se mostrado acertada. À época em que o movimento começou, não parecia uma decisão das melhores, porque os EUA eram vistos como o mercado natural para o petróleo venezuelano.

Luiz Pinto, pesquisador do Instituto de Estudos Latino-Americanos da Universidade de Columbia, nos EUA, afirma que a Venezuela teria que arcar com custos elevados, caso a produção americana a partir do gás de xisto leve realmente a uma diminuição drástica de suas exportações aos EUA. Mas, para ele, isso dificilmente acontecerá. "O desenvolvimento do projeto de xisto nos EUA tem tido um desenvolvimento intenso e rápido", afirma. "Mas o objetivo dos americanos é diminuir a dependência em relação ao Oriente Médio."

Segundo ele, a Venezuela, apesar da retórica anti-imperialista do chavismo, não é um alvo.

Também sob o ponto de vista americano, diz ele, seria um erro permitir que a China aumente ainda mais a sua participação em uma região como a América Latina, "que historicamente está muito mais sob a influência dos EUA do que o Oriente Médio".

Para Pinto, Nicolás Maduro - o vice-presidente escolhido por Chávez para ser seu sucessor - terá uma postura muito mais moderada em relação aos EUA do que a do líder bolivariano. "Neste momento, o chavismo mantém o discurso de polarização, do inimigo externo, do risco de uma invasão estrangeira, para o caso de haver alguma instabilidade no país", afirma. "Mas, uma vez eleito, Maduro tende a ser mais moderado. Talvez até abra mais o relacionamento com o governo americano", afirma.

Fonte: <http://www.valor.com.br/internacional/3035088/apesar-dos-choques-eua-e-venezuela-mantem-elos>

Brasil

Déficit do Brasil com os EUA aumenta 813% no bimestre

Por Sergio Leo | De Brasília

O alto consumo de combustíveis no Brasil e o cenário externo desfavorável às exportações de aço, somados à queda na competitividade dos produtos brasileiros, produziram, no começo de ano, uma deterioração surpreendente na balança de comércio do Brasil com os Estados Unidos: foi de 813% o aumento do déficit comercial brasileiro com aquele país, resultado da queda de 22,5% na média diárias das exportações e um aumento também de 22,5% nas importações, no primeiro bimestre do ano, em comparação com o mesmo período do ano passado.

"A principal razão para essa queda é o petróleo, só em janeiro causou uma diferença de US\$ 600 milhões", comenta o presidente da Associação dos Exportadores Brasileiros, José Augusto de Castro. As importações de produtos americanos pelo Brasil aumentaram US\$ 908 milhões nos primeiros dois meses do ano, enquanto as exportações caíram US\$ 1,1 bilhão.

Consultada pelo Valor, a Petrobras respondeu, por meio da assessoria, que a queda na exportação de petróleo da companhia aos EUA foi provocada pelo aumento da produção americana, que reduziu a demanda pelo óleo brasileiro, mas também pela mudança do destino do petróleo da Petrobras que, com o aumento da demanda brasileira por combustível, passou a refinar no país parte do óleo que enviava ao exterior. A empresa aponta, ainda, uma outra causa: "Opções de exportação mais vantajosas para a Petrobras, como a China."

O preço mais competitivo da gasolina americana no inverno do hemisfério norte também levou a Petrobras a concentrar naquele país compras do combustível antes feitas de outras fontes. A venda de óleos brutos de petróleo aos EUA caiu 66%, ou pouco mais de US\$ 900 milhões no primeiro bimestre do ano, em comparação ao mesmo período de 2013. As compras de gasolina e óleo combustível (diesel, principalmente) subiram respectivamente 250% e 215%, ou, somadas, quase US\$ 345 milhões.

No segundo bimestre, o déficit total no comércio com os EUA foi de US\$ 2,35 bilhões (US\$ 257 milhões em janeiro e fevereiro de 2012). O forte impacto negativo do petróleo sobre o resultado comercial escondeu alguns excelentes resultados na exportação, como a do milho, que,

beneficiado pela quebra da safra nos EUA, teve vendas de US\$ 159 milhões, 4.655% maiores que no primeiro bimestre de 2012; o açúcar refinado (quase US\$ 30 milhões, ou 1.645% a mais); e o etanol - com vendas de US\$ 208 milhões, ou 207% acima do primeiro bimestre do ano passado.

Outros produtos com aumento nas vendas acima de 200% foram o suco de laranja (com o fim de restrições antidumping americanas, derrubadas pela Organização Mundial do Comércio) e celulares - esses últimos buscando, nos EUA, recuperar mercado que perderam com a retração das compras pela Argentina.

Os combustíveis não foram o único fator de deterioração na queda do resultado comercial com os EUA, que também se viu afetado pelo excesso de estoques siderúrgicos, especialmente nos EUA e pelas dificuldades competitivas dos produtos brasileiros. As vendas de produtos manufaturados do Brasil aos EUA ficaram praticamente estáveis (menos 0,3%), apesar de não ter se repetido a venda de quase US\$ 100 milhões em aviões registrada no ano passado. Mas a maior parte desse desempenho se deve a industrializados de baixo valor agregado, como o etanol, o açúcar refinado e o suco de laranja.

Os especialistas avaliam que, a partir de abril, quando o governo cessa de registrar na balança comercial importações de combustíveis realizadas ainda no ano passado, deve haver uma melhoria nas estatísticas de comércio com os EUA, país que caminha aceleradamente para recuperar o posto de principal fornecedor do Brasil, perdido para a China. No primeiro bimestre, 16,2% das importações brasileiras vieram da China; 15,9%, dos EUA.

Os governos do Brasil e dos Estados Unidos vêm discutindo fórmulas para derrubar barreiras técnicas e burocráticas no comércio bilateral - um dos temas a serem tratados na reunião de trabalho que autoridades brasileiras e americanas farão, nos dias 18 e 19, com empresários de peso dos dois países, reunidos no Fórum de Altos Executivos Brasil-Estados Unidos, em Brasília.

Uma das preocupações recentes no governo é a adoção, pelos EUA, de regras mais rígidas para registro de alimentos destinados ao mercado americano, no órgão fiscalizador, o FDA (Food and Drug Administration). A nova regulamentação, que exige registro antecipado e maior controle na produção, levanta riscos de barreiras adicionais a exportações brasileiras, embora executivos do setor de alimentos tenham, até agora, mostrado tranquilidade em relação ao tema.

Temas de investimento nos dois países devem ter destaque também na reunião dos Altos Executivos, especialmente no setor de energia.

Fonte: <http://www.valor.com.br/brasil/3035026/deficit-do-brasil-com-os-eua-aumenta-813-no-bimestre>

Política

Os convidados de pedra, na Argentina

Por César Felício

Norberto Armando Habegger, Monica Susana Pinus de Binstock e Horacio Campiglia. Estes três militantes montoneros, da esquerda argentina que entraram no Brasil com nomes falsos entre 1978 e 1980 mostram como a fatura das ações desenvolvidas no regime militar ainda pode ser cobrada e implodir, de maneira indireta, o espírito da lei de anistia de 1979.

No julgamento que se iniciou terça-feira em Buenos Aires, envolvendo 25 acusados pelo desaparecimento de 106 pessoas, consta este indício de colaboração brasileira com ações integradas repressivas. Os argentinos foram sequestrados no Brasil, sendo os dois últimos em pleno Aeroporto Internacional do Galeão, e vistos pela última vez na Argentina, poucos dias depois.

O processo na Argentina é o primeiro na América Latina que trata de homicídios que teriam acontecido no contexto da chamada "Operação Condor". A operação seria uma sintonia fina entre as ditaduras do Cone Sul, para a repressão conjunta contra o que se denominava à época de "subversão".

A "Operação Condor" propriamente dita teve vida curta. Esta espécie de Interpol da repressão foi idealizada em 1975 pelo general Manuel Contreras, comandante dos serviços de inteligência no início do regime Pinochet, no Chile, e teria contado com a adesão entusiasmada do então comandante do Exército na Argentina, Jorge Videla. A Argentina ainda era uma democracia formal, comandada pela presidente Isabelita Perón.

Havia dois representantes brasileiros na reunião de Santiago em 25 de novembro daquele ano que teria formatado o esquema, mas o governo do então presidente Ernesto Geisel manteve o país distante da trama. O Brasil só teria se comprometido a uma "troca de informações" e não assinou o compromisso de ações operacionais. Foi o único dos países presentes a agir assim.

A iniciativa multinacional de terrorismo de Estado foi perdendo organicidade após a audácia da ditadura chilena em assassinar o ex-chanceler Orlando Letelier, exilado em Washington. O caso colocou os Estados Unidos frontalmente contra as ditaduras do Cone Sul e o condor passou a voar

baixo, atingindo vítimas de perfil mais discreto, em operações cruzadas de segurança. Destas, o Brasil participou.

"Na minha época houve uma tentativa de fazer uma espécie de união do Brasil com Uruguai, Paraguai, Argentina e Bolívia para o combate das ações subversivas, mas eu fui contra, seja porque essas ações já eram muito reduzidas entre nós, seja porque essa união não me merecia muita confiança e envolvia relações que considerei indesejáveis", comentou Geisel, inexplicavelmente omitindo o Chile, em seu depoimento para os pesquisadores Maria Celina D'Araújo e Celso Castro, da Fundação Getúlio Vargas, publicado em 1997.

"Os militares brasileiros se achavam superiores, viam os colegas dos países vizinhos com certo desprezo, e questionavam os resultados e a estratégia do combate aos opositores em outros países, sobretudo Argentina. Jamais aceitariam ficar subordinados a outros governos. Não há um único documento mostrando adesão brasileira à operação Condor", comentou o historiador Carlos Fico, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), para em seguida ponderar: "Isto não quer dizer que não havia integração de ações repressivas, com a participação brasileira. Elas foram intensas e estão documentadas antes e depois de 1975, mas não com o caráter centralizado que a Operação Condor pressupõe".

Vincular o Brasil à Operação Condor, ou a qualquer ação integrada que se assemelhe, é estratégico para diversos setores envolvidos na temática de direitos humanos. A lei brasileira de anistia trava punições dos desmandos acontecidos até 1979, mas a história muda de aspecto quando se trata de possíveis crimes cometidos no Brasil envolvendo cidadãos estrangeiros, ou tendo alvos brasileiros no exterior.

O tema ganha ainda mais gravidade se, como no caso de Campiglia e Susana, o delito aconteceu após a promulgação da lei. Precisamente no dia 12 de março de 1980.

"Este julgamento é um marco que poderá ter repercussão no Brasil e no Paraguai. O que se pretende fazer em termos de desvendar o que aconteceu ainda é tímido no Brasil, e no Paraguai o Ministério Público ignorou três toneladas de documentos", afirmou o advogado paraguaio Martín Almada, referindo-se à Comissão da Verdade criada por Dilma há cerca de um ano. Almada não está exagerando: os ativistas de direitos humanos no Paraguai tiveram acesso a 590 mil páginas produzidas pelos serviços de inteligência do país no regime de Stroessner.

Almada será testemunha no julgamento argentino e deve viajar a Buenos Aires para depor nos próximos dias. Ele é observador privilegiado da ação repressiva brasileira no exterior. "Fiquei preso em Assunção entre 1974 e 1977 e fui pessoalmente torturado por interrogadores chilenos,

argentinos e brasileiros", afirmou. Os brasileiros, segundo recorda Almada, teriam usado choques elétricos interessados em informações sobre o educador Paulo Freire.

Exagerar a dimensão das consequências que os regimes militares do continente produziram é tentação recorrente. Em entrevista na saída do tribunal, a jornalista Stella Calloni, uma das impulsionadoras do processo, chegou a afirmar que a repressão na América Latina teria produzido "mais de um milhão de vítimas".

É um radicalismo em parte explicável por uma tentativa de se legitimar a ação, por vezes violenta, de algumas vítimas dos crimes de Estado daquele tempo. A falta de transparência em relação ao tema, marcante em países que patrocinaram anistias, ajuda para que se carregue tanto na tinta.

Há sete brasileiros desaparecidos na Argentina, cinco no Chile e um na Bolívia e existem relatos de outros cinco argentinos que teriam sumido no Brasil. Sem a barreira da lei da anistia, da coisa julgada e da prescrição de crimes, é possível que novidades sobre o regime militar brasileiro surjam de fora para dentro.

César Felício é correspondente em Buenos Aires. Escreve mensalmente às quintas-feiras

E-mail: cesar.felicio@valor.com.br

Fonte: <http://www.valor.com.br/politica/3035118/os-convidados-de-pedra-na-argentina>

O GLOBO

<http://oglobo.globo.com/>

Economia

FAO prevê crescimento de 4,3% na produção global de trigo

Agencia Estado

Roma, 07 - A Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO) projetou, nesta quinta-feira, que a produção global de trigo em 2013/14 crescerá 4,3% ante o ciclo anterior, para 690 milhões de toneladas. De acordo com a FAO, os preços elevados devem provocar expansão da área plantada na Europa, ao mesmo tempo em que a Rússia provavelmente terá recuperação da produtividade após a seca do ano passado.

A primeira previsão da FAO para a próxima safra de trigo aponta que ela será a segunda maior da história, com o plantio na União Europeia aumentando 3% ante o ano anterior, em meio a condições climáticas favoráveis.

A FAO acrescentou que as perspectivas são satisfatórias na Rússia, porque a redução do plantio de trigo de inverno deve ser mais do que compensada por um aumento da área de primavera. Segundo a organização, a colheita do país deve ter forte crescimento, supondo que os rendimentos se recuperem em relação aos níveis do ano passado, afetados pela seca.

No entanto, a FAO observou que a perspectiva nos EUA é menos favorável do que em outros importantes países produtores de trigo. As chuvas favoráveis de fevereiro podem ter chegado tarde demais para promover uma recuperação completa das lavouras de inverno danificadas pela seca. Sendo assim, a entidade prevê que a safra 2013/14 de trigo do país cairá cerca de 6% na comparação anual, para 58 milhões de toneladas, apesar do leve aumento da semeadura de trigo de inverno e da possibilidade de que o plantio de primavera fique, pelo menos, no mesmo patamar do ano anterior.

A FAO elevou em quase 4 milhões de toneladas a previsão de estoques finais mundiais de cereais em 2012/13, principalmente devido a revisões para cima na estimativa de estoques de trigo. Mas o volume de 499 milhões de toneladas que deve restar estocado no final desta temporada ainda seria 2,7% menor do que no ciclo anterior, ponderou a entidade.

Segundo a organização, ainda é muito cedo para fazer uma previsão preliminar para a produção global de cereais no próximo ciclo, pois a maior parte de grãos forrageiros e culturas de arroz ainda precisam ser plantadas. No entanto, a organização observou que as perspectivas para as primeiras culturas do Hemisfério Sul são, no geral, favoráveis. As informações são da Dow Jones.

Fonte: <http://g1.globo.com/economia/agronegocios/noticia/2013/03/fao-preve-crescimento-de-43-na-producao-global-de-trigo.html>

Mundo

Influência do Brasil na América Latina pode aumentar após morte de Chávez

Para sociólogo, projeto de integração brasileiro pode ganhar espaço.

Poder de retórica de Chávez aumentava influência da Venezuela, diz ele.

Ana Carolina Moreno

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

A morte do presidente da Venezuela, Hugo Chávez não deve mudar imediatamente o rumo do país no cenário nacional e mundial, já que o próximo presidente eleito deve ser chavista e manter um governo de continuidade.

Porém, o vazio que uma figura com o carisma e a retórica do venezuelano, que morreu de câncer na terça-feira (5), vai deixar no plano internacional pode fazer com que o projeto de integração latino-americana do governo brasileiro ganhe espaço e influência.

Em entrevista ao G1, o sociólogo Flávio da Silva Mendes, doutorando da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e autor do livro “Hugo Chávez e seu labirinto”, afirmou que, embora próximos, Venezuela e Brasil têm visões distintas de como a integração regional deve ser feita.

“A estratégia de Chávez, aliado de Cuba, Bolívia e Argentina, era um projeto de integração nacional através de uma política com características ideológicas. Já o projeto de integração do Brasil é de natureza econômica, passa pelo Mercosul, pela internacionalização das empresas, pela instituição de cortes bilaterais”, explicou Mendes.

Para ele, talvez o Brasil ganhe mais espaço nas relações internacionais e “triunfe na abertura de espaço da integração regional pelo mercado”.

Mendes disse que, comparativamente, a influência geopolítica do Brasil já era maior que a da Venezuela, mas “Chávez conseguia, com a força de seu discurso e retórica, aumentar um pouco a influência venezuelana”, o que deve não ocorrer mais daqui para a frente.

Relação bilateral econômica

Porém, o sociólogo brasileiro descartou uma mudança na relação bilateral entre o Brasil e a Venezuela, mesmo se a oposição chegar à presidência do país.

“O pilar da relação dos dois países é econômico. Mesmo que vença o [Henrique] Capriles, candidato da oposição, o programa dele é de reformas econômicas e sociais que não vão provocar mudanças ou o corte de relações do Brasil.”

Mendes afirma que, hoje, essa chance é pequena, porque a oposição ainda não foi capaz de se unir em torno de um projeto de poder que passe confiança à população venezuelana, nem aos eleitores que não apoiam o chavismo. Além disso, o histórico de derrotas consecutivas para Chávez em diversos referendos, e nas eleições do ano passado, somado à tentativa de tomada de poder

por meio de um golpe e de boicotes, não depõem favoravelmente aos grupos que há anos tentam afastar o chavismo da presidência.

Para o sociólogo, somente os próximos anos mostrarão se a oposição conseguirá aumentar sua influência interna para chegar ao poder, e também se Nicolás Maduro saberá tirar proveito de sua condição de herdeiro político de Chávez para manter seu espaço e a união do chavismo.

Legado de Chávez

Atualmente, o principal desafio do vice de Chávez é reduzir a dependência do país da renda petroleira. Na visão do especialista ouvido pelo G1, o presidente morto na terça deixou registrada na história da Venezuela uma série de evoluções nos indicadores sociais e econômicos, principalmente no que diz respeito à diminuição da pobreza.

O legado que Maduro recebeu, para Mendes, não é um “programa revolucionário”, mas sim “um programa de reformas sociais e econômicas com vários problemas”. Nas questões sociais, porém, houve avanços que vieram para ficar.

“Entre eles está a politização de boa parte da população venezuelana, que vão manter a cobrança em relação ao Estado”, diz Mendes, para quem isso vai continuar independentemente de quem estiver no poder.

Interferência externa

Ele não acredita que, apesar de setores da oposição se relacionarem e trocarem informações com o governo americano, uma possível interferência de outros países no processo eleitoral interno da Venezuela seja um temor concreto.

“Se fosse no final dos anos 1990, seria mais provável. Hoje houve uma mudança muito importante, principalmente quando aos Estados Unidos, um país que sempre teve interesse na América Latina, mas que perdeu influência em função do governo de Chávez e de vários outros governos”, explica o sociólogo.

Já a pressão sobre Maduro na posição venezuelana a respeito de governos de países que Chávez tradicionalmente apoiou, como Síria, Irã e Coreia do Norte, pode ser maior, na visão de Mendes, porque dentro do próprio chavismo há correntes que se opunham às polêmicas declarações do presidente morto.

“Esse é talvez um ponto em que abram novas expectativas. Havia muita divergência dentro do chavismo em relação a declarações de Chávez sobre esses países, alguns eram contra, mas as questões acabavam sendo colocadas de lado, pensadas como de segundo plano.” Para o sociólogo,

esse desafio será difícil para Maduro, porque “todas essas questões passam pela política, mas também pela economia, por causa do petróleo nos países árabes.”

Fonte: <http://g1.globo.com/mundo/hugo-chavez/noticia/2013/03/influencia-do-brasil-na-america-latina-pode-aumentar-apos-morte-de-chavez.html>

O legado de Chávez: os prós e os contras

Veja cinco argumentos a favor das medidas tomadas pelo ex-coronel e outras cinco que criticam seu governo.

Da BBC

A morte de Hugo Chávez na terça-feira (5), aos 58 anos, marca o fim de um período de quase 14 anos nos quais o ex-coronel esteve à frente do país e promoveu inúmeras transformações - defendidas por seus simpatizantes e criticadas pelos opositores.

Confira aqui uma lista de cinco argumentos a favor e cinco contra Chávez.

CINCO ARGUMENTOS PRÓ-CHÁVEZ

1- Combate à desigualdade

Durante o período de Hugo Chávez na Presidência, de 1999 até 2013, a desigualdade na Venezuela caiu gradualmente, da mesma forma que ocorreu na maior parte da região.

O país tem hoje a distribuição de renda mais igualitária da América Latina, medida pelo coeficiente Gini.

No ano passado, o coeficiente Gini da Venezuela (que varia entre 0, mais igualitário, a 1, mais desigual) ficou em 0,39. Para efeito de comparação, o coeficiente Gini do Brasil, o mais baixo desde que a desigualdade começou a ser medida, é de 0,52.

2- Atenção aos pobres

Hugo Chávez concentrou grande parte dos esforços de seus governos em programas de assistência aos pobres, além de promover as chamadas 'missões' para combater problemas como o analfabetismo ou a mortalidade infantil.

Segundo dados do Banco Mundial, a porcentagem de venezuelanos que vivem abaixo da linha de pobreza caiu de 62,1% em 2003 para 31,9% em 2011.

No campo da educação, os dados da Unesco mostram que a taxa de alfabetização, que em 1991 era de 89,8%, foi elevada a 95,5% em 2010, e a porcentagem de jovens frequentando o ensino secundário aumentou de 57%, em 1999, para 83% em 2010.

A mortalidade infantil no país caiu de 20 por mil nascimentos vivos, em 1999, para 13 por mil nascimentos vivos em 2011, em grande parte por conta dos programas para melhorar o atendimento de saúde da população mais pobre.

3- Política externa

Para os simpatizantes de Chávez, um de seus maiores êxitos foi o de elevar a importância da Venezuela no cenário global e de reposicionar as relações internacionais do país.

Com uma retórica fortemente anti-imperialista, Chávez rompeu a tradicional cordialidade nas relações da Venezuela com os Estados Unidos e apostou nas chamadas relações sul-sul, entre os países em desenvolvimento.

Utilizando ofertas de petróleo a custo baixo como atrativo, Chávez conseguiu também angariar apoio internacional de vários países às suas ideias.

Os opositores, porém, afirmam que o antagonismo com os Estados Unidos, maiores compradores do petróleo venezuelano, foi prejudicial ao país e questionam as alianças de Chávez com líderes como Saddam Hussein, na época que governava o Iraque, ou o atual presidente do Irã, Mahmoud Ahmadinejad, além de criticar uma suposta subordinação a Cuba.

4- Controle dos recursos naturais

Para os chavistas, até o fim dos anos 1990 a Venezuela desperdiçava o fato de ser um dos maiores produtores e exportadores de petróleo no mundo.

Em seus primeiros anos de mandato, Chávez promulgou a nova lei de hidrocarbonetos, que estabeleceu o domínio do Estado venezuelano sobre os combustíveis fósseis e o limite de 49% para a propriedade privada em atividades para a extração de petróleo e gás.

A partir de 2007, o governo venezuelano nacionalizou vários projetos ligados ao setor, de empresas como Exxon Mobil, ConocoPhillips e Total.

No período em que Chávez esteve à frente do governo venezuelano, a cotação internacional do petróleo passou de menos de US\$ 20 para os atuais US\$ 90, com altos e baixos pelo caminho - chegando a atingir a cotação de US\$ 145, recorde histórico, em julho de 2008.

O aumento na arrecadação advinda do aumento dos preços do petróleo ajudou Chávez a financiar seus principais programas sociais.

5- Carisma

Um dos maiores atributos de Hugo Chávez, reconhecido tanto pelos simpatizantes quanto pelos opositores, foi o seu carisma.

Chávez também era considerado um bom comunicador, capaz de elaborar de improviso discursos que muitas vezes podiam durar horas.

Aos domingos, estrelava sua própria atração na TV estatal, o Aló Presidente, no qual desfilava sua hiperatividade e mostrava aos cidadãos comuns do país seu estilo de governar 'ao vivo'.

Graças em parte ao seu carisma, Chávez foi capaz de vencer quatro eleições presidenciais, a última delas, em outubro do ano passado, com uma vantagem de nove pontos percentuais em relação ao segundo colocado, apesar do desgaste de 14 anos à frente do governo.

CINCO ARGUMENTOS CONTRA CHÁVEZ

1- Autoritarismo

Uma das principais críticas da oposição a Chávez é seu estilo autoritário e personalista.

Apesar de ter sido eleito quatro vezes à Presidência e de ter mantido em funcionamento as principais instituições democráticas do país, Chávez foi acusado de adotar medidas antidemocráticas.

O presidente também foi acusado de controlar os poderes independentes do país, como a Justiça, com a indicação de chavistas para postos-chave. Em consequência, Chávez teria se beneficiado de diversas decisões judiciais, como a recente decisão do Tribunal Supremo de Justiça, em janeiro, de que o presidente, internado em Cuba, não precisaria tomar posse oficialmente em seu novo mandato, por ser uma continuação do mandato anterior.

Outro ato de Chávez apontado como exemplo de seu estilo autoritário foi sua reação após perder um referendo em dezembro de 2007 para acabar com a limitação de mandatos presidenciais, que o impediria de se candidatar novamente à reeleição, em 2012. Ao invés de aceitar o resultado, ele promoveu um novo referendo, em fevereiro de 2009, no qual conseguiu aprovar a mudança.

2- Corrupção

O discurso anticorrupção foi uma das principais bandeiras de Chávez em sua tentativa de golpe de Estado contra o então presidente Carlos Andrés Pérez, em 1992, e depois em sua primeira campanha à Presidência, em 1998.

Mas a oposição acusa Chávez de ter aparelhado o Estado venezuelano e aumentado a corrupção no país ao invés de combatê-la.

Segundo o último relatório da ONG Transparência Internacional, a Venezuela aparece em 165º lugar em uma lista de 176 países em um ranking de percepção da corrupção no mundo.

A percepção da corrupção na Venezuela é a maior da América Latina, segundo o ranking da Transparência.

3- Problemas econômicos

Apesar de se proclamar socialista, Chávez não conseguiu eliminar uma das maiores mazelas econômicas que afetam principalmente a população de renda mais baixa, a inflação. Com índices que chegam a 30%, a Venezuela tem a maior inflação da América Latina. Seu governo também falhou em não criar uma política econômica de longo prazo que fosse capaz de evitar a recessão.

A estrutura econômica herdada de governos anteriores na qual a atividade produtiva se resumia praticamente à exploração de petróleo, se manteve intacta na era Chávez.

Não houve diversificação do campo produtivo e o principal motor da economia continuou sendo o petróleo. O país permanece extremamente dependente do lucro do petróleo, que implica em aproximadamente 95% das exportações ou cerca de 12% do PIB.

O deficit orçamentário do governo atingiu 17% do PIB em 2012. Já a dívida pública, apesar da valorização do petróleo, subiu para 49% do PIB.

4- Liberdade de imprensa

A relação de Chávez com a imprensa também foi complicada: o líder venezuelano acusava diversos veículos de atuar como 'porta-vozes' da oposição.

O presidente venezuelano era chamado de populista e autocrático, acusado de ameaçar a liberdade de imprensa e de utilizar a máquina estatal para perseguir aqueles que discordavam de sua 'revolução'.

Entre as acusações contra Chávez estão a de que querer silenciar a mídia privada do país. Em 2007, após sua terceira eleição, Chávez não renovou a concessão para a RCTV, segunda maior rede de TV do país. A RCTV havia sido acusada, ao lado de outras TVs privadas, de apoiar a tentativa de golpe contra Chávez em 2002.

A ONG Human Rights Watch criticou o legado 'autoritário' deixado por Chávez, dizendo que ele aumentou radicalmente o controle da imprensa e tentou justificar suas políticas nesse campo alegando que eram necessárias para 'democratizar' as TV abertas do país.

'No entanto, em vez de fomentar o pluralismo, o governo abusou de seu poder regulatório para intimidar e censurar seus críticos. Ampliou de um para seis os canais administrados pelo governo', acrescentou a HRW.

5 - Violência

A violência urbana fugiu ao controle na Venezuela durante as gestões de Chávez. Segundo estatísticas do escritório especializado em crimes e drogas da ONU (Unodc), quando o mandatário assumiu o poder em 1999, a taxa de homicídios era de 25 para cada 100 mil habitantes. Em 2010, esse número havia subido para 45 por 100 mil habitantes - o que representa uma elevação de 80%.

A taxa é a mais alta da América do Sul. No mesmo ano, o Brasil registrou índice de 21 por 100 mil. O patamar acima do qual os homicídios são considerados endêmicos é 10 por 100 mil habitantes.

O nível de violência era particularmente alto na capital Caracas, onde em 2009 foi registrada taxa de 122 assassinatos por 100 mil habitantes, segundo as estatísticas mais recentes.

Fonte: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/03/o-legado-de-chavez-os-pros-e-os-contras.html>

Argentina

PÁGINA/12

<http://www.pagina12.com.ar>

Mundo

SI GANA LA PRESIDENCIA, SERA EL TERCER SINDICALISTA DE SUDAMERICA

Maduro, el preferido de la Argentina y Brasil

Ex dirigente sindical del sistema de transporte de Caracas y miembro del núcleo del Partido Socialista Unificado de Venezuela, Nicolás Maduro fue el interlocutor más frecuente de líderes extranjeros después de Chávez.

Por Martín Granovsky

Si su candidatura queda firme, como parece, y si resulta electo presidente por el chavismo, Nicolás Maduro se convertirá en el tercer sindicalista que alcanza la presidencia de un país sudamericano en los últimos diez años. El primero fue Luiz Inácio Lula da Silva, en 2003. El segundo, Evo Morales, en 2006. Sin el poder gremial de los dos primeros, Maduro se formó políticamente como dirigente del gremio de colectiveros.

Este año cumplirá 51 años. Nacido el 23 de noviembre de 1962, seguirá dejando al ecuatoriano Rafael Correa, nacido el 6 de abril de 1963 y a punto de cumplir los 50, en el puesto de presidente más joven de la región.

No sólo Chávez lo señaló como su candidato. Aunque no hubo pronunciamientos oficiales, este diario pudo saber por funcionarios que pidieron reserva de su identidad que tanto el gobierno de la Argentina como el de Brasil preferían a Maduro como eventual sucesor.

Maduro asumió como canciller en 2006. Hasta su renuncia llevaba lo mismo en ese puesto que el boliviano David Choquehuanca, pero más que sus colegas de la Argentina (Héctor Timerman, 2010) y de Brasil (Antonio Patriota, 2011). No es una simple cuestión de tiempo. Casi siete años de canciller significan que, después de Chávez, Maduro fue el interlocutor venezolano más asiduo de los presidentes, presidentas y ministros de Sudamérica.

“No tengo dudas de que a Nicolás le irá bien, porque es un cuadro político con experiencia y formación y porque sus años de canciller le permitieron tener una visión del mundo, de sus protagonistas, de los jefes políticos de Sudamérica”, dijo Rafael Follonier, un funcionario con rango de secretario de Estado que fue el principal colaborador de Néstor Kirchner en Unasur y es uno de los argentinos con más horas frente a Chávez y Maduro.

Es posible que muerto Chávez afloren mayores contradicciones dentro del chavismo. Vivir en medio de las contradicciones es parte de la política. O de la vida. Lo que parece extremo, en un escenario como ése, es pensar que Maduro sería una especie de técnico sin inserción en el aparato chavista frente a, por ejemplo, un militar retirado como Diosdado Cabello, el presidente de la

Asamblea Nacional. Luego de su período como dirigente sindical, el propio Maduro ocupó ese puesto. Y también lo ocupó su mujer, Cilia Flores.

En cuanto a la política exterior, la Agencia Venezolana de Noticias, estatal, en octubre de 2012 trazó de este modo su perfil: "Durante su cargo como jefe de la diplomacia del país, se logró consolidar la integración en la región con el impulso de bloques como la Unión de Naciones Suramericanas (Unasur), la Alianza Bolivariana para los Pueblos de Nuestra América (ALBA) y la Comunidad de Estados Latinoamericanos y Caribeños (Celac)". La nota consignaba que "en su gestión, se logra el ingreso del país al Mercado Común del Sur (Mercosur)". Y añadía este párrafo: "Maduro Moros logró estrechar las relaciones de Venezuela con naciones hermanas como China, Rusia, Bielorrusia e Irán, además de consolidar vínculos existentes con naciones suramericanas como Argentina, Brasil y Bolivia, así como con la caribeña Cuba".

Negociador nato, como buen sindicalista, quienes trataron con Maduro lo describen como un hombre capaz de buscar caminos alternativos, de mostrarse duro o blando según la conveniencia, de representar el papel que le tocara según las instrucciones de Chávez y de ponerse en el papel del otro como hipótesis intelectual necesaria para una discusión que busca resultados.

El perfil no coincide con la sorprendente tosquedad de presentar la enfermedad de Chávez como una conspiración cancerígena, tesis que había adelantado el mismo Chávez el año pasado.

Puede tratarse, también, de una estrategia para instalar la épica del Chávez inmortal que sólo sucumbió ante una conspiración de los Estados Unidos. En ese caso, la presentación sería compatible con el párrafo de la agencia de noticias que describe a Bielorrusia e Irán como "hermanas" y no lo hace con la Argentina o Brasil.

¿Convicción, provocación táctica a Washington o las dos cosas a la vez?

Como canciller, Maduro fue capaz de enrolarse en el equilibrio heterogéneo de la diplomacia chavista. Por un lado, la idea de que el enemigo de mi enemigo, como Irán respecto de los Estados Unidos, es mi amigo. Por otro lado, la diversificación de los suministros militares apelando a Rusia y también a España. Siempre, la búsqueda de un lugar expectante en la OPEP, la Organización de Países Exportadores de Petróleo, donde el actual secretario de Unasur Alí Rodríguez llegó a ser secretario general. De paso: en diálogo con Página/12, Rodríguez expuso que la OPEP era una muestra de espíritu práctico, porque reunía bajo un interés común a países tan disímiles en la relación con la Casa Blanca como Irán y Arabia Saudita.

El equilibrio heterogéneo de Caracas debería incluir un ingrediente más: el régimen discursivamente más antinorteamericano de Sudamérica mantiene un excelente nivel de relaciones comerciales con los Estados Unidos.

Según datos de la Cámara Venezolano-Americana de Comercio e Industria, ni siquiera la baja en las exportaciones petroleras quitó a los Estados Unidos su lugar de primer socio comercial de Venezuela, que exporta al mercado norteamericano un millón y medio de barriles de petróleo por día. El objetivo de Chávez fue reemplazar parte de la demanda norteamericana por el mercado chino.

El intercambio comercial entre Venezuela y Estados Unidos cayó un 3,14 por ciento en los primeros seis meses de 2012, al pasar de 28.214 millones de dólares en 2011 a 27.332 millones, y el saldo comercial favorable al país sudamericano se redujo en un 33,47 por ciento, de 17.030 millones a 11.330 millones en el mismo lapso.

De acuerdo con un informe difundido hoy por la Cámara Venezolano-Americana de Comercio e Industria (Venamcham), la acentuada disminución comercial se debe, principalmente, a un descenso del 15,75 por ciento en las exportaciones petroleras de Venezuela a EE.UU., pasando de 22.039 millones de dólares en el primer semestre de 2011 a 18.567 millones del presente año.

EE.UU. es el primer socio comercial de Venezuela y el destino de alrededor de 1,5 millones de los 2,5 millones de barriles de crudo que exporta todos los días, aunque el gobierno de Hugo Chávez estaba tratando de desplazar esa tendencia a favor de China.

Un periodista brasileño de Carta Maior, el doctor en Historia Gilberto Maringoni, escribió antes de la muerte de Chávez un cuadro de situación que tenía, entre otros, estos cuatro elementos:

- En las últimas elecciones, el Partido Socialista Unificado de Venezuela obtuvo una victoria inédita y llegó a gobernar en 20 de los 23 estados nacionales, en especial el estratégico Zulia, donde está concentrada la mayor parte de la producción de petróleo. Esta es una buena base para un chavismo sin Chávez.
- A pesar del dato anterior, el chavismo sin Chávez tiene el desafío de superar un proceso político que se basó en la legitimidad popular de su líder, que en las últimas elecciones alcanzó el 54 por ciento.
- La figura de Chávez mantuvo a través de 15 elecciones una construcción política "en un país que en poco más de dos décadas vivió una sucesión de enfrentamientos internos de altísima

intensidad: una tentativa de golpe de Estado, un lockout de más de dos meses, tres referendos, un cerco mediático permanente, oscilaciones económicas, sabotajes, incapacidad administrativa y varios intentos de aislamiento internacional”.

- “Es difícil saber si Nicolás Maduro, que exhibió un desempeño respetable y eficiente como canciller, conseguirá asegurar el bastón de mando que Chávez le confió. No es un problema de capacidad personal, algo que el ex conductor de ómnibus parece tener. La cuestión es saber si el proceso político ya maduró lo suficiente para la existencia de un chavismo sin Chávez”.

Maduró es tercera persona del pretérito indefinido del indicativo. Maduro, primera persona del singular del presente del indicativo o adjetivo que significa “haber llegado a su completo desarrollo o que está en su punto o en su mejor momento”. Quiere decir también “prudente” y “juicioso”. Un simple juego de semántica. Más sencillito que la política pura y dura.

martin.granovsky@gmail.com

Fuente: <http://www.pagina12.com.ar/diario/elmundo/4-215273-2013-03-07.html>

FIRMO SU PRIMER DECRETO COMO "PRESIDENTE ENCARGADO" DE VENEZUELA

Maduro asumió la presidência

El canciller venezolano, Elías Jaua, dijo que será Maduro, elegido vicepresidente por Chávez en el mandato anterior y nombrado sucesor por el líder bolivariano antes de partir a Cuba, quien gobernará hasta las próximas elecciones.

La muerte del presidente Hugo Chávez abre el camino a la realización de un nuevo proceso electoral. El tiempo corre para el Partido Socialista Unido de Venezuela (Psuv) y la oposición, encarnada en Henrique Capriles Radonski, que deben jugarse todas las cartas para hacerse un lugar en el Palacio de Miraflores. Nicolás Maduro quedó al frente de un país turbado por la pérdida, comandando a un pueblo que se manifestó masivamente en Caracas, poniendo el cuerpo en la calle, para darle su último adiós al dirigente político más importante de los últimos tiempos de Venezuela.

Según el artículo 233 de la Constitución venezolana, si la ausencia se produce antes de la jura del nuevo mandato, entonces debe asumir el presidente de la Asamblea Nacional, a cargo de Diosdado Cabello. Según el mismo artículo, el presidente de la Asamblea debe “proceder”, en un plazo de 30 días consecutivos, a un comicio donde se elegirá al candidato que completará el mandato de seis años –iniciado el 10 de enero pasado– vacante a partir del fallecimiento del líder bolivariano. Si la ausencia se hubiera producido después de la jura, entonces sería el vicepresidente quien debería

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

asumir por 30 días y llamar a elecciones a realizarse dentro de ese plazo. En esa línea, el canciller venezolano Elías Jaua dijo que será Maduro, elegido vicepresidente por Chávez el mandato anterior y nombrado sucesor político por el líder bolivariano antes de partir a operarse en Cuba tres meses atrás, quien gobernará hasta las próximas elecciones. “Ahora se ha producido una falta absoluta, asume el vicepresidente de la República como presidente y se convoca a elecciones en los próximos 30 días, es el mandato que nos dio el comandante presidente Hugo Chávez el pasado 8 de diciembre”, manifestaba anteanoche el canciller en una entrevista concedida al canal Telesur.

El hasta ahora vicepresidente venezolano, Nicolás Maduro, confirmado por el Tribunal Superior de Justicia como el encargado de gestionar el gobierno durante la convalecencia de Chávez, ayer firmó su primer decreto como “presidente encargado”, tras la muerte de Chávez, al ordenar siete días de duelo en el país caribeño, según la Gaceta Oficial publicada ayer. “Se declaran siete días de Duelo Nacional, entre el 5 y el 11 de marzo de 2013, por el lamentable y penoso fallecimiento e irreparable pérdida del héroe de la patria Hugo Rafael Chávez Frías”, reza el texto estampado con la firma de Maduro. El gobierno no informó directamente del decreto. Maduro, que se desempeñaba como vicepresidente desde la reelección de Chávez en octubre pasado, asumió la presidencia amparado en el artículo 233 de la Constitución de la República Bolivariana de Venezuela, dijo la procuradora, Cilia Flores.

“En el momento en que él (Chávez) desaparece físicamente, inmediatamente y de forma automática se pone en vigencia el artículo 233, que establece que se encarga el vicepresidente y por un lapso de 30 días se convocará a nuevas elecciones”, manifestó Flores, en la misma línea en que se expresara Jaua en diálogo con Telesur. El canciller aseguró que Maduro asume como presidente siguiendo el mandato de Chávez, que designó al ahora ex vicepresidente como su heredero político y candidato de las filas oficialistas en las elecciones, aunque la enfermedad le impidió firmar un decreto nombrando vicepresidente a Maduro para el mandato en curso. En Venezuela el cargo de vicepresidente no es electivo, sino que lo designa el presidente.

Jaua consideró que Chávez “leyó correctamente la Constitución” en su última aparición pública, del pasado 8 de diciembre, dos días antes de viajar a Cuba a someterse a la cuarta intervención en 18 meses por el cáncer que padecía. El diputado chavista y ex presidente de la Asamblea Fernando Soto Rojas había indicado que sería Cabello quien debería quedar en el poder.

Algunos constitucionalistas se habían pronunciado sobre la posibilidad de que el presidente de la Asamblea Nacional, Diosdado Cabello, sea quien asuma y encamine el país a las próximas elecciones.

El artículo 233 de la Constitución venezolana dispone como falta absoluta del Presidente o Presidenta de la República su muerte, su renuncia o su destitución decretada por sentencia del Tribunal Supremo de Justicia; su incapacidad física o mental permanente certificada por una junta médica designada por el Tribunal Supremo de Justicia y con aprobación de la Asamblea Nacional; el abandono del cargo, declarado como tal por la Asamblea Nacional, así como la revocación popular de su mandato.

En caso de que se produzca la falta absoluta del Presidente electo o Presidenta electa antes de tomar posesión –reza la Constitución– se procederá a una nueva elección universal, directa y secreta dentro de los treinta días consecutivos siguientes. Si la falta absoluta se produce durante los últimos dos años del período constitucional, el vicepresidente ejecutivo o la vicepresidenta ejecutiva asumirá la Presidencia de la República hasta completar dicho período. Si se produce antes de la jura, debe asumir el Ejecutivo el Presidente de la Asamblea Nacional y realizar elecciones en 30 días, señala el mismo artículo de la Constitución. Según las declaraciones de Jaua, el gobierno parece interpretar la frase “proceder a elecciones” como sinónimo de “llamar a elecciones”, por lo que el mandato de Maduro podría extenderse más allá de los 30 días, hasta que asuma el ganador de las próximas elecciones, que bien podría ser el propio Maduro, según los deseos de Chávez.

Sin embargo, el artículo 229 de la Constitución impide ser elegido presidente a quien “esté en ejercicio del cargo de vicepresidente ejecutivo, ministro, gobernador o alcalde en el momento de su postulación o en cualquier momento entre esta fecha y la de la elección”. Esa restricción no alcanzaría, sin embargo, a Maduro, quien a efectos de las próximas elecciones presidenciales, estará “en ejercicio” del cargo de presidente, señalan fuentes chavistas.

El Tribunal Supremo de Justicia determinó el 9 de enero pasado que no era necesario que Chávez jurara indefectiblemente al día siguiente, 10 de enero, como manda la Constitución, en virtud de no existir interrupción del ejercicio, ya que Chávez había sido reelegido. Aunque la Constitución no menciona fechas alternativas al 10 de enero, dice que si el presidente no puede jurar ante la Asamblea por cualquier motivo, puede hacerlo ante el TSJ. El tribunal consideró que la fecha del 10 de enero es “una formalidad que no impide la continuidad del gobierno y que se inicie un nuevo período presidencial”.

El 8 de diciembre pasado, al anunciar que debería someterse a una nueva cirugía por el cáncer que padecía, Chávez indicó que si algún acontecimiento lo inhabilitaba, invitaba al pueblo venezolano a que eligieran a Maduro como presidente. “Si se presenta una circunstancia sobrevenida, que me inhabilite para continuar al frente de la Presidencia, bien sea para terminar el mandato que quedan pocos días, y sobre todo para asumir el nuevo período para el cual fui electo por la mayoría de

ustedes, si algo ocurriera que me inhabilitara, en ese escenario en que sería obligatorio convocar nuevas elecciones, mi opinión es que ustedes elijan a Nicolás Maduro como presidente”, señaló Chávez aquella noche.

Fonte: <http://www.pagina12.com.ar/diario/elmundo/4-215296-2013-03-07.html>

TÉLAM

<http://www.telam.com.ar>

Mundo

ADIÓS A HUGO CHÁVEZ

Desde el veto al ALCA, hasta el ingreso al Mercosur, Chávez potenció el rol de Venezuela en la región

Desde la IV Cumbre de las Américas que se realizó en Mar del Plata, en 2005, la influencia del ex presidente de Venezuela Hugo Chávez, junto a sus pares de Argentina Néstor Kirchner y de Brasil Luiz Inácio Lula da Silva, permitió cambiar el paradigma político y económico de la región.

06.03.2013 - 19:53

En la ya histórica cumbre, los tres presidentes firmaron el acuerdo estratégico que puso fin a la iniciativa de la Asociación de Libre Comercio de las Américas (ALCA), que impulsaba el gobierno de Estados Unidos, y que se presentaba como el programa librecambista más ambicioso de todos los tiempos para el continente.

La oposición a aquel proyecto fue considerado como la defunción de los últimos resabios del período neoliberal que dominó la región de los 90, y generó el contexto en el que diciembre de 2005 la Argentina y Brasil avanzaron en su política de desendeudamiento con el Fondo Monetario Internacional.

A nivel regional, se crearon y consolidaron ámbitos de integración como la Alianza Bolivariana para los Pueblos de Nuestra América (ALBA), la Unión de Naciones Suramericana (UNASUR), la Comunidad de Estados Latinoamericanos y Caribeños (CELAC) y entidades como el Banco del Sur y el Sistema Unificado de Compensación Regional (SUCRE) con las que se buscó acotar la dependencia del dólar y promover la autonomía financiera regional.

El ingreso de Venezuela al Mercosur en julio pasado, tras más de cinco años del acuerdo presidencial, lo consolida como espacio de integración pos-neoliberal, contrapuesto a otras

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

estrategias de integración basadas en el liderazgo de Estados Unidos y sus aliados en la región como la Alianza del Pacífico.

Fonte: <http://www.telam.com.ar/notas/201303/9631-con-el-veto-al-alca-y-el-ingreso-al-mercosur-hugo-chavez-potencio-el-rol-de-venezuela-en-la-region.html>

ADIÓS A HUGO CHÁVEZ

Celac, Unasur y Mercosur destacaron el rol integrador de Hugo Chávez

La Comunidad de Estados Latinoamericanos y Caribeños (Celac), la Unión de Naciones Suramericanas (Unasur) y el Mercosur, tres de los bloques que integraba Venezuela a partir del impulso del presidente Hugo Chávez, expresaron condolencias por su fallecimiento y destacaron su compromiso con una región "unida, fuerte y segura".

06.03.2013 - 19:15

El comunicado de la Celac difundido este miércoles en Cuba, país que ocupa su presidencia pro témpore, dijo que "los pueblos de nuestra América recibimos con consternación y profundo dolor la noticia" de la muerte de Chávez.

"Expresamos nuestras más sentidas condolencias a la familia del comandante presidente Chávez, al Gobierno de Venezuela y a todo el pueblo venezolano, al que dedicó su vida", subrayó la declaración citada por la agencia ANSA.

Agregó que "para la Celac, de la cual fue uno de sus principales fundadores e impulsores, el ejemplo de Chávez nos alienta a redoblar nuestros esfuerzos en pro de la unidad, la cooperación, la solidaridad y la integración latinoamericana y caribeña".

Por su parte, el Consejo de jefes de Estado y de Gobierno de la Unasur destacó el rol del mandatario fallecido como "decidido impulsor de la unidad y la integración suramericana".

"Fue bajo el impulso visionario del presidente Chávez, en abril de 2007, cuando se decidió en Isla Margarita, Venezuela, la creación de Unasur", recuerda un comunicado de este bloque.

"Desde entonces, su infatigable compromiso con la causa suramericana marcó nuestro proceso integrador con una impronta inspirada en la búsqueda del bienestar y la justicia para las grandes mayorías", añadió.

También señaló que perdurará en la memoria colectiva de nuestros pueblos como "símbolo de una generación de estadistas que consolidaron los cimientos de la identidad y la unidad Suramericana, siguiendo el legado que nos dejaron los libertadores".

Asimismo, los presidentes Cristina Fernández de Kirchner, de Argentina; Dilma Rousseff, de Brasil, y José Mujica, de Uruguay, destacaron en un documento en nombre del Mercosur la figura de Chávez y su capacidad para interpelar "la conciencia de los pueblos del continente" y que estos se asumieran "como actores de su propio destino en la búsqueda de su libertad".

El documento, difundido por la Cancillería uruguaya, no incluía la firma de ningún representante de Paraguay, miembro del Mercosur al igual que Venezuela, pero que se encuentra suspendido debido a la destitución del ex presidente Fernando Lugo, el año pasado, considerada como un golpe de Estado por el resto de los países del bloque comercial.

"Chávez impulsó el ingreso de Venezuela como miembro pleno del Mercosur, proceso que culminó exitosamente el pasado año, constituyendo uno de los principales hitos en la historia del bloque y dando muestra de la renovada voluntad política imperante en la región", recordaron los mandatarios, citados por la agencia EFE.

Los tres presidentes apuntaron a que "el mejor homenaje que podrá rendírsele" a Chávez, que falleció el martes en Caracas a causa del cáncer que padecía desde hacía dos años, es "preservar su legado, militancia y compromiso con el avance del proyecto integracionista regional".

Además, también consideraron que Chávez fue responsable de liderar "al pueblo venezolano" en el camino "de sus reivindicaciones y de la recuperación de su dignidad" sentando "un ejemplo para todos los países de la región".

Fonte: <http://www.telam.com.ar/notas/201303/9625-celac-unasur-y-mercosur-destacaron-el-rol-integrador-de-hugo-chavez.html>

Paraguai

LA NACIÓN

www.lanacion.com.py

Política

La inclusión de Venezuela al Mercosur ya sería en otro período parlamentario

Varios senadores señalaron ayer que hay un nuevo escenario para volver a analizar la incorporación del país caribeño al bloque regional.

Senadores sostienen que el tratamiento de la inclusión de Venezuela al Mercosur debe ser analizado en el próximo período legislativo que se instalará tras las elecciones del 21 de abril. Asimismo, sugieren una refundación del bloque regional con un enfoque más económico que político.

“Lo que proponemos es dejar sin efecto lo que ha sido el Mercosur hasta nuestros días y firmar un nuevo convenio del Mercosur con otras metas con otros mecanismos más eficientes”, afirmó el senador patriaqueridista Marcelo Duarte.

Dijo que los parlamentarios que se incorporen en julio con el nuevo gobierno electo serán quienes evalúen el nuevo panorama político en Venezuela y la posibilidad de que el Congreso paraguayo dé su acuerdo para que el país caribeño integre oficialmente el bloque regional.

A su vez, el senador Miguel Carrizosa, miembro de la Comisión de Relaciones Exteriores de la Cámara Alta, también abogó por la refundación del Mercosur donde se haga prevalecer lo económico antes que lo político. “La idea es eventualmente inclusive un nuevo Mercosur, con reglas de juego en donde prime lo jurídico por encima de lo político, y no como hasta ahora, que prima lo político por encima de lo jurídico”, señaló.

El legislador manifestó que los Estados partes deben sincerarse en sus pretensiones, ya que así como está funcionando actualmente el Mercosur no solo le negó la defensa a Paraguay que fue suspendido del bloque, sino que además no garantizó lo estipulado en la cláusula referente a la libre circulación de personas, bienes y servicios, entre otras trabas impuestas al comercio.

LEGITIMAR

El senador liberal Miguel Abdón Saguier se refirió a la posibilidad de aceptar a Venezuela en el Mercosur, ahora que el presidente Hugo Chávez falleció. Indicó que para legitimar la inclusión del país bolivariano al bloque, se necesita del consentimiento de los cinco países, caso contrario, no tendrá validez.

En ese sentido, indicó que el próximo periodo se puede presentar nuevamente el proyecto, para que esta vez sí sea aceptado y así legitimar el proceso. Al referirse a su voto en contra dado el año pasado, lo justificó diciendo que lo hizo por la grosera intromisión del entonces canciller Nicolás Maduro.

“Yo siempre estuve a favor de la inclusión de Venezuela, por muchos factores. Pero la intromisión de Maduro en asuntos internos nuestros, hizo que vote en contra”, dijo.

Fonte: <http://www.lanacion.com.py/articulo/115636-la-inclusion-de-venezuela-al-mercosur-ya-seria-en-otro-periodo-parlamentario-.html>

ABC

www.abc.com.py

Política

Bloque debe sentarse a negociar, dice excanciller

El excanciller nacional José Antonio Moreno Ruffinelli lamentó la muerte del presidente de Venezuela, Hugo Chávez. Señaló que desde el punto de vista regional los países del Mercosur deben conversar y sentarse a negociar para definir el futuro del bloque. El excanciller sostuvo que el Mercosur deberá ver la forma de cómo se debe integrar el Paraguay al bloque y luego de eso analizar la situación de Venezuela que ingresó ilegalmente al mercado común.

“Creo que esta situación, lamentable con la muerte de un ser humano, abre una perspectiva para que pueda negociarse con el futuro gobierno de Venezuela y su ingreso de manera legal, que no esté como ahora, que ha entrado por la ventana y no por la puerta como debió hacerse siempre”, manifestó Moreno Ruffinelli.

Explicó que el análisis del protocolo de adhesión de Venezuela al Mercosur solo deberá realizarse en el próximo periodo legislativo, cuando se podrá estudiar. Señaló que la aprobación del acuerdo depende de que el país caribeño cumpla con los rigores constitucionales.

“Sea como sea, eso no cambia la situación de Paraguay. El rechazo al Congreso paraguayo fue posterior al ingreso de Venezuela. En primer lugar hay que restablecer los derechos del Paraguay; una vez restablecidos los derechos, ahí se decide qué hacer con Venezuela”, sostuvo.

Fonte: <http://www.abc.com.py/edicion-impres/politica/bloque-debe-sentarse-a-negociar-dice-excanciller-546525.html>

“Debe terminar la presión ideológica”

La muerte de Chávez para el Mercosur debería tener el efecto contrario al que tuvo su intervención, usando a toda la región como un instrumento de presión y manipulación ideológica, afirmó ayer el titular de Unión Industrial Paraguaya (UIP), Ing. Eduardo Felippo.

“En un bloque totalmente imperfecto, el Mercosur funcionaba, no bien, pero funcionó, hasta que al señor Chávez se le ocurrió usarlo como elemento de presión especialmente contra nuestro país, que tiene un Parlamento que no se le doblegó”, resaltó.

“Hay que recordar que el Congreso brasileño también rechazó durante algún tiempo el ingreso de Venezuela al Mercosur, hasta que se ‘convenció’ de la conveniencia”, manifestó el dirigente industrial.

Añadió que habiendo desaparecido el presidente venezolano, el Mercosur debería continuar “tan imperfecto” como antes, “pero con una gran ventaja, de que el Paraguay aprendió que no hay la más mínima solidaridad de parte de sus vecinos cuando hay intereses ideológicos de por medio”, resaltó el titular de la Unión Industrial Paraguaya.

Paralizado

Desde antes del 22 de junio, fecha del juicio político al expresidente Lugo, el Mercosur se encontraba prácticamente paralizado debido a la decisión argentina de mantener una política fuertemente proteccionista, que afectaba tanto a los productos paraguayos como al intercambio comercial en las zonas fronterizas entre Argentina y Brasil.

Fonte: <http://www.abc.com.py/edicion-impresa/politica/debe-terminar-la-presion-ideologica-546535.html>

Evaluarán posición contra Venezuela

El Partido Colorado institucionalmente va a evaluar la posición tomada anteriormente contra el ingreso de Venezuela al Mercosur, anunció ayer la presidenta Lilian Samaniego. Al mismo tiempo, expresó sus condolencias al pueblo caribeño por la muerte de Hugo Chávez.

La presidenta de la ANR Lilian Samaniego reconoció ayer que tras la muerte del presidente de Venezuela Hugo Chávez podría cambiar el panorama político en el país caribeño. Para el Partido Colorado, hasta ahora, dicho país estaba regida por una dictadura.

“Yo le hago llegar mis condolencias al pueblo venezolano, más allá de las diferencias políticas que teníamos con su líder. Es de esperar ahora que sus autoridades breguen por la paz y la tranquilidad, y actúen de acuerdo a lo que dicta la Constitución y las leyes de ese país”, manifestó la jefa partidaria.

Agregó que su partido, más adelante también se abocará a analizar la posición asumida con respecto al ingreso del país caribeño al Mercosur.

El Partido Colorado, a través de una resolución emitida el 18 de marzo del 2009, había establecido su rechazo al ingreso de Venezuela al Mercosur.

En su considerando mencionaba que entre los países miembros existe un compromiso democrático de imponer plena vigencia de las instituciones como una condición esencial para el desarrollo de los procesos de integración.

“Constituye un hecho público y notorio el proceder político de corte autoritario del presidente de la República Bolivariana de Venezuela; su ánimo de perpetuidad y su manifiesto proceder intervencionista con pretensiones hegemónicas que trasciende las fronteras de su país”, acotaba.

Cuestionaba la persecución a la prensa y a determinados grupos sociales.

En la misma resolución había recomendado a sus legisladores votar en contra de Venezuela, que fue acatada cuando en el Senado se rechazó el protocolo.

La evaluación de la nueva situación quedaría a cargo de la Comisión Asesora en asuntos internacionales integrada por excancilleres.

Fonte: <http://www.abc.com.py/edicion-impres/politica/evaluaran-posicion-contra-venezuela-546532.html>

Uruguai

LARED21

<http://www.lr21.com.uy>

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

Política

MERCOSUR y Parlamento uruguayo emiten comunicado ante deceso de Chávez

Los/as presidentes del MERCOSUR, José Mujica, Dilma Rousseff y Cristina Fernández expresan su profundo dolor por el fallecimiento del presidente de Venezuela, Hugo Chávez. El Parlamento uruguayo también aprobó una resolución por la que hace llegar su sentido pésame a la familia del mandatario, a su gobierno y al pueblo venezolano.

Los tres mandatarios del MERCOSUR aprobaron un comunicado ante el fallecimiento del presidente de Venezuela, Hugo Chávez.

“Las presidentas de Argentina y Brasil, Cristina Fernández de Kirchner y Dilma Rousseff, respectivamente y el presidente de Uruguay, José Mujica, expresan su profundo pesar por el fallecimiento del señor presidente de la República Bolivariana de Venezuela, Hugo Chávez Frías”, expresan los mandatarios.

Asimismo, resaltan que la figura del Chávez “quedará fijada en la memoria colectiva de América Latina, como un gran luchador por la autonomía en el escenario internacional y como líder que supo interpelar la conciencia de los pueblos del continente, para asumirse como actores de su propio destino en la búsqueda de su libertad”.

En los años de su mandato, Chávez impulsó el ingreso de Venezuela como miembro pleno del MERCOSUR, proceso que culminó exitosamente el año pasado, constituyendo uno de los principales “hitos en la historia del bloque y dando muestra de la renovada voluntad política imperante en la región”, indican los dignatarios de la región.

También reconocen la “extraordinaria figura del Presidente Chávez como firme promotor de la construcción y fortalecimiento de la integración regional, por lo que el mejor homenaje que podrá rendírsele es preservar su legado, militancia y compromiso con el avance del proyecto integracionista regional”.

“El Presidente Chávez lideró al pueblo venezolano en el camino de sus reivindicaciones y de la recuperación de su dignidad sentando un ejemplo para todos los países de la región”, indican Mujica, Rousseff y Fernández.

Los jefes de Estado del MERCOSUR, “en nombre de sus pueblos, abrazan fraternalmente al pueblo venezolano y a la familia del Presidente Chávez en estos dolorosos momentos”.

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

El Parlamento uruguayo

Por su parte, la Cámara de Representantes, reunida este miércoles en sesión ordinaria, interrumpió momentáneamente el orden del día para rendir homenaje al fallecido Presidente de la República Bolivariana de Venezuela, Teniente Coronel Hugo Chávez.

La moción, que contó con el voto unánime de los cuatro partidos con representación parlamentaria expresa: “ante el fallecimiento del Presidente Chávez, la Cámara de Representantes de Uruguay hace llegar su sentido pésame a la familia del mandatario, a su gobierno y al pueblo del hermano país”.

“Frente a los difíciles momentos que su ausencia impone, reiteramos nuestra solidaridad y expresamos nuestra confianza en que la madurez del pueblo de Venezuela encontrará los caminos constitucionales y legales para transitarlos en armonía y paz”, expresa la moción que tras su votación se procedió a realizar un minuto de silencio.

Fonte: <http://www.lr21.com.uy/politica/1091644-mercosur-y-parlamento-uruguayo-emiten-sendos-comunicado-ante-fallecimiento-de-chavez>